

Conversa com o voto

VILLAS-BÔAS CORRÊA *

Desorientado por pacote eleitoral estapafúrdio que misturou alhos federais com bugalhos estaduais, um tanto desligado pelo desinteresse, a alma curtida por azares e decepções, o eleitor acabou sugado pela sobra de sedução da campanha e as tendências do voto encaminham recados que deslizam pelo contraditório: ora acendem a luminosa sabedoria popular e, no reverso, tresandam o ranço de prevenções não superadas.

Principiemos pelos avisos da instintiva esperteza. Ou pelo mais sinuoso deles, que custou a ser entendido no meio-tom do despiste. Pois uma das grandes supresas flagradas pelas pesquisas em uníssono é a antecipação espontânea da polarização no engatilhar do primeiro turno, com a gangorra da liderança entre Lula e Fernando Henrique Cardoso. Nesta ordem: Lula saltou na dianteira, manteve a ponta durante meses, chegou a roçar a maioria absoluta; Fernando Henrique embalou com a ventania do real e chega à véspera como franco favorito.

E não sobrou espaço para mais ninguém. Nenhuma outra candidatura chegou a acontecer ou sequer a abanar a ilusão de reviravolta. O voto não esteve para brincadeira. Percebeu no ar a opção e nela embarcou para valer, desdenhando atalhos e saltando arapucas.

As perplexidades que detonam espantos, na véspera do que parece inevitável, apenas refletem a dificuldade em interpretar a finória vidência do voto. Certamente que é chocante a previsão das pesquisas que anunciam o gaiato aventureiro Enéas, com seus abomináveis chilikques fascistas, à frente da biografia de Leonel Brizola.

São acidentes na mesma rota da rejeição às alternativas que não conseguiram definir claramente diferenças e se dissolveram na mistura que borrou identidades. Claro, sobrou o resíduo que foi minguando até a insignificância da borra no fundo da urna.

O exotismo do Enéas resistiu um pouco mais à lixa que apagou as fotos 3X4 das candidaturas refugadas pelo mesmo sentimento de simplificar as coisas para firmar o confronto, acentuando a linha divisória.

Cada um dos fracassos tem uma história a contar, empilhando justificativas e desculpas. Quêrcia confiou no PMDB que não mais existe: arrematou a ficção da legenda irremediavelmente fraturada e que não lhe está valendo de nada. O lance de Esperidião Amin mirou o salto nacional, apostou suas fichas modestas no inesperado e jogou pesado na roleta de Santa Catarina.

Brizola não conseguiu decolar do governo do Rio de Janeiro, aprisionado às galés da insegurança que enerva a pobre capital tensa e sofrida, seu calvário.

Mas além das lamentações e dos esperneios, impõe-se o reconhecimento da motivação profunda e decisiva da bipolarização que ocupou todo o espaço da campanha, desdenhando ofertas alternativas.

**É chocante
a previsão
das pesquisas
que anunciam**

A verdade é que não há oito divisões na sociedade. Nem sete, seis, cinco. Quaisquer que sejam os critérios para a distinção. Naturais ou

forçados. Não chegamos a tais sutilezas sofisticadas. Se a eleição exige maioria absoluta de votos — propondo primeiro turno preliminar e, se a parada não for decidida, o segundo no mano a mano —, ela está forçando a bipolarização. Inspira-se no pressuposto da decisão entre o lado de lá e o lado de cá.

Ora, por que o eleitor seria mais realista do que os trapalhões que embrulharam interesses, espertezas, privilégios para armar a trempe na qual cozinhariam o mingau das suas miúdas ambições? Desde o indefensável horário de propaganda eleitoral às seis eleições simultâneas, que enlouquecem o voto, banguncam a votação e infernizam a apuração.

Enxugando o excesso que ensopava a campanha, o eleitor simplificou a divergência, traçou os limites para a decisão. O resto é com o voto, nos acertos e equívocos das avaliações de cada um.

Se o voto encontrou seus caminhos federais, traçando seus próprios roteiros, chega à urna sem desvencilhar-se de preconceitos que escurecem a visão nas cinco ciladas da cédula.

Pois o voto necessita comportar-se com a mais consistente coerência ao longo da massacrante maratona. Não pode ser, ao mesmo tempo, inteligente e burro, sábio e estúpido, sagaz e obtuso. Por exemplo, o voto branco ou nulo é uma manifestação de burrice explícita. Qual é a jogada de consumir horas de feriado, enfrentar filas, suar na cabine, para anular o voto? Protesto? Mas o palavrão do desabafo morre na junta apuradora, não grita a indignação. Tem menos repercussão que a pornografia que suja o banheiro público ou os muros da cidade.

O protesto conseqüente escolhe o candidato que mais se identifique com o ânimo do eleitor. E combina as pedras para compor desenhos que tenham sentido. Utilizando as excessivas liberalidades da legislação para separar os dois blocos. No federal, o voto ao candidato a presidente deve acompanhar o voto aos dois candidatos ao Senado e o voto no candidato a deputado federal. Para não virar o modelo do samba do crioulo doido. Pois o presidente eleito vai precisar de apoio no Congresso para cumprir suas promessas de campanha. Votar no presidente de um lado e em senadores e deputado federal do outro é o mesmo que estragar o voto.

Se a balbúrdia partidária estimula a montagem de esquemas pessoais, não há mal que o eleitor varie e pule a cerca na escolha dos candidatos a governador e a deputado estadual. Adotando a mesma receita: governador e deputado estadual da mesma banda.

Na hora do voto convém esquecer ressentimentos e agir com a cabeça fria. O arrependimento tardio não adianta nada. Só azeda o figado.

* Repórter político do JORNAL DO BRASIL

**Enéas à
frente de
Brizola.**